

Colonialismo e epistemologia da ignorância: uma lição afegã

SOCIEDADE BREVE
Boaventura de Sousa Santos



A retirada abrupta e caótica dos EUA do Afeganistão em meados de agosto enche os noticiários de todo mundo. Os temas principais variaram, mas os seguintes foram dominantes: humilhação para os EUA e aliados europeus; repetição da retirada do Vietnam em 1975; missão cumprida segundo os EUA, missão fracassada segundo os aliados pela voz de Angela Merkel; a fuga desesperada dos afegãos que colaboraram com os aliados; o perigo iminente para os direitos das mulheres se a sharia for imposta como decorre da interpretação do Islão pelos talibã; mais de dois trilhões de dólares gastos numa missão contra os terroristas para, 20 anos mais tarde, eles entrarem triunfalmente e sem qualquer resistência no palácio presidencial, e agora já não como terroristas mas como uma força política com a qual os EUA, a principal força militar no Afeganistão, assinou um acordo em fevereiro de 2020, depois de mais de um ano de negociações em Doha.

Fruto desse acordo, os EUA comprometem-se em retirar as forças militares em 14 meses, um facto que passou despercebido a muitos, por o acordo ter acontecido quando irrompeu a pandemia da COVID-19. Tudo isto é dramático, mas é, além disso, incompreensível. Como a espuma dos noticiários é para ver e não para compreender, diz-nos pouco sobre a turbulência profunda que a provoca. A compreensão exige neste caso um recuo histórico e uma crítica epistemológica. Ou seja, é preciso recuar no tempo e reavaliar a história à luz de uma epistemologia que nos permita conhecer o lado da história que ficou oculto e é agora precioso para compreender o que se passa no Afeganistão. Procurarei mostrar que há continuidades intrigantes com tudo o que se passou e como foi narrado no mundo eurocêntrico a partir do século XVI com a expansão colonial.

DISSIMULAÇÃO DA VERDADE A expansão marítima europeia do século XV em diante foi legitimada pelo desejo e pela missão de propagar a fé cristã. A Igreja Católica foi uma presença constante e decisiva. Sob a sua égide, o mundo a achar foi dividido entre Portugal e a Espanha, e foi também ela que legitimou a submissão dos índios ao declarar em 1537 (na bula *Sublimis Deus*, do Papa Paulo III) que os índios eram seres humanos com alma e, portanto, seres não só necessitados, mas também capazes de ser evangelizados. Sem pôr em causa a boa fé dos muitos milhares de missionários que participaram nesta missão de salvar os índios para o outro mundo, sabemos bem que o objetivo primordial desta missão era bem mais prático e mundano: a salvação neste mundo dos europeus por via da prosperidade económica que adviria do acesso às riquezas naturais do chamado Novo Mundo.

retirada abrupta e caótica dos EUA do Afeganistão em meados de agosto enche os noticiários de todo mundo. Os temas principais variaram, mas os seguintes foram dominantes: humilhação para os EUA e aliados europeus; repetição da retirada do Vietnam em 1975; missão cumprida segundo os EUA, missão fracassada segundo os aliados pela voz de Angela Merkel; a fuga desesperada dos afegãos que colaboraram com os aliados; o perigo iminente para os direitos das mulheres se a sharia for imposta como decorre da interpretação do Islão pelos talibã; mais de dois trilhões de dólares gastos numa missão contra os terroristas para, 20 anos mais tarde, eles entrarem triunfalmente e sem qualquer resistência no palácio presidencial, e agora já não como terroristas mas como uma força política com a qual os EUA, a principal força militar no Afeganistão, assinou um acordo em fevereiro de 2020, depois de mais de um ano de negociações em Doha.



Retirada do Afeganistão "Tudo isto é dramático, mas é, além disso, incompreensível"

Os "peritos" sobre o Afeganistão eram peritos em ... terrorismo. O reducionismo tribalista não permitiu ver que a sociedade afegã é hoje também uma sociedade de refugiados e globalizada. Mas permitiu justificar todo o tipo intervenções que resultaram em trágicos fracassos

É, pelo menos, muito duvidoso que a missão evangelizadora tenha sido benéfica para os índios, mas não restam dúvidas de que a missão da pilhagem das riquezas permitiu o desenvolvimento que o mundo eurocêntrico do Atlântico Norte hoje ostenta.

Semelhantemente, segundo as autoridades

norte-americanas, os EUA invadiram o Afeganistão para neutralizar o terrorismo de que tão barbaramente tinham sido vítimas com o ataque às Torres Gémeas em 2001. E porque Osama Bin Laden foi morto, a missão foi cumprida. A verdade é outra. Os terroristas que atacaram as Torres Gémeas eram oriundos de quatro países: 15 eram da Arábia Saudita, dois dos Emirados Árabes Unidos, um libanês e um outro egípcio. Nenhum deles do Afeganistão. Bin Laden, o chefe da Al-Qaida, ele próprio saudita, esteve anos escondido, não neste país, mas no Paquistão e, de facto, bem perto da Academia Militar paquistanesa.

O interesse dos EUA em intervir no Afeganistão vinha da década de 1990 e foi então justificada com a necessidade de construir e proteger o gasoduto que, vindo do Turquemenistão à Índia, passando pelo Afeganistão e pelo Paquistão, resolveria as carências de energia da Ásia do Sul (gasoduto conhecido por TAPI, a iniciais dos países envolvidos). Foi o mesmo motivo de sempre: garantir o acesso aos recursos naturais e, em tempos mais recentes, impedir o controlo da China e da Rússia. Por isso, ao mesmo tempo que se desencadeava uma violência macabra (cerca de 200 mil afegãos mortos entre militares e civis), se gastavam mi-

lhões de dólares, grande parte deles devorados pela corrupção, e supostamente se eliminavam os talibã, mantinham-se negociações (primeiro, secretas e depois, oficiais) com alguns dos seus grupos.

É, pois, ridículo falar de missão cumprida na luta contra o terrorismo. A missão parcialmente cumprida é a do acesso aos recursos naturais, mas mesmo essa foi conseguida graças à intermediação da Índia e do Paquistão, e sem comprometer o acesso ao gás por parte da China e da Rússia. Por outro lado, contra os interesses dos EUA, é a China quem emerge como ganhadora da crise afegã ao garantir a continuação do grande investimento, a nova rota da seda na Ásia central. Desde 1945, os EUA acumulam derrotas militares, espalham a morte do modo mais terrível e nunca conseguem estabilizar governos amigos. Saída humilhante do Vietnam em 1975, desastrosa intervenção na Somália em 1993-94, retirada não menos humilhante do Iraque em 2011, destruição da Líbia em 2011. Mas quase sempre conseguem garantir o acesso aos recursos naturais, a única missão que importa cumprir.

A IGNORÂNCIA COMO ESTRATÉGIA DE DOMINAÇÃO A expansão colonial começou por ser um salto no desconhecido. Uma vez o salto dado, o que se quis conhecer dos povos e países invadidos foi apenas o que facilitasse a invasão. A perspectiva da penetração, da pilhagem, da eliminação/assimilação sobrepôs-se a tudo mais no investimento cognitivo feito pelos colonizadores. Tudo o que colidisse com tais perspectivas foi considerado como não existindo (civilização/cultura) irrelevante (técnica), atrasado ou perigoso (canibalismo, superstições). Produziu-se, assim, uma imensa sociologia das ausências. Com o tempo, as exigências de sempre (as tais perspectivas) obrigaram a um investimento cognitivo mais sofisticado, mas todo ele foi sempre orientado para os mesmos objetivos de dominação. Assim surgiram a antropologia colonial, a medicina tropical, a história colonial, o direito colonial, etc.

O desconhecimento ocidental do Afeganistão é pasmoso. Em artigo publicado em 2015 no Wilson Center e intitulado "America's Shocking Ignorance of Afghanistan", Benjamin Hopkins mostra que as políticas ocidentais sobre o Afeganistão assentam ainda hoje nas ideias contidas num livro do primeiro embaixador britânico ao reinado do Afeganistão, Mountstuart Elphinstone, publicado em 1815. O autor tinha lido as narrativas de Tácito sobre as tribos germânicas e foi com base nisso e nas recordações dos clãs da sua Escócia natal que construiu todas as ideias da sociedade tribal afegã. Segundo Hopkins, o mapa etnolinguístico militar do exército norte-americano é hoje pouco mais que uma atualização do mapa contido nesse texto de 1815.

Assim se assumiu que o problema do Afeganistão não era político, mas sim etno-cultural, e que a cultura tribal era responsável pelo extremismo e pela corrupção. Claro que o problema não está em salientar a importância da cultura, é ter dela uma conceção a-histórica e estereotipada. A ignorância da realidade afegã foi fundamental para conceber os afegãos como passivos recipientes das políticas ocidentais, do bloco soviético ou da NATO. Os "peritos" sobre o Afeganistão eram peritos...em terrorismo. O reducionismo tribalista não permitiu ver que a sociedade afegã é hoje também uma sociedade de refugiados e globalizada. Mas permitiu justificar facilmente todo o tipo intervenções que resultaram em trágicos fracassos.

A DES-ESPECIFICAÇÃO DO OUTRO Sabemos hoje que a complexidade das sociedades encontradas pelos colonizadores era diferente daquela que eles atribuíam às suas sociedades de origem

e que, por esse facto, foram caracterizadas como sociedades simples, sem estruturas e instituições políticas. O privilégio de caracterizar e de nomear o outro é talvez a mais genuína manifestação do poder colonial. No jogo de espelhos que esse privilégio construiu, os povos colonizados foram descritos ao longo do tempo como selvagens, primitivos, atrasados, preguiçosos, sujos, subdesenvolvidos. O pressuposto destas caracterizações é que elas esgotam o que de relevante deve ser conhecido sobre os caracterizados. Assim, promovem e disfarçam a *des-especificação* dos seus objetos. Com base nesta política de nomeação, as políticas coloniais encontraram durante séculos fácil justificação.

A partir da última invasão do Afeganistão, os afegãos foram divididos pelos invasores em duas categorias: terroristas e vítimas. Foi com base nelas que foram documentados, vigiados e bombardeados. Em nenhum momento (exceto para proteger o acesso aos recursos naturais) puderam ser considerados como interlocutores válidos ou como populações e gerações com aspirações e necessidades diferenciadas. Seguindo estas premissas, o que se promoveu foi o conhecimento sobre os afegãos, nunca o conhecimento com os afegãos. A produção ativa de ignorância foi fundamental para justificar as definições, representações e teorizações que subjaziam às políticas de intervenção. O Afeganistão foi visto como um imenso depósito de terrorismo. E na guerra contra o terrorismo só interessa identificar e eliminar terroristas. Tudo o resto é "collateral damage". Tal como no projeto colonial, o importante foi impedir os afegãos de caracterizar o seu país nos seus próprios termos e de reivindicar um futuro segundo as suas aspirações.

KNOW-HOW TECNOLÓGICO CONTRA A SABEDORIA O conhecimento tecnológico assenta na compreensão e transformação da realidade com base em fenómenos observados sistematicamente e com desprezo e ignorância por fenómenos não observados. O que desde o século XVIII se considera progresso social é um produto do conhecimento tecnológico. A sabedoria não se opõe necessariamente ao conhecimento tecnológico, mas subordina-o à compreensão e à promoção do valor da vida, tanto individual como coletiva, para o que é necessário ter em conta tanto os fenómenos observados como os não observados. O conhecimento ocidental, sobretudo quando ao serviço da expansão colonial, foi sempre um conhecimento tecnológico militantemente contra a ideia de sabedoria. As consequências disso estão bem patentes nos epistemicídios e linguicídios (a destruição do conhecimento dos colonizados) e nos genocídios cometidos ao longo de séculos.

No Afeganistão, a vertigem tecnológica atingiu o paroxismo, deixando no terreno mais de 200 mil mortos e uma plethora de novos especialistas em novas tecnologias de destruição. Uma das áreas mais macabras é a dos drones. Num texto publicado a 16 de março de 2021 na revista *Jadaliyya* (<https://www.jadaliyya.com/Detai/42483>), Anila Daulatzai e Sahar Ghumkhor mostram como os afegãos, tal como os somalis, os iemenitas, os iraquianos e os sírios, são caracterizados na nova especialidade científica interdisciplinar, "a cultura dos drones"...com o objetivo de gerar diálogos entre as disciplinas de compreender a diversidade dos drones e da cultura dos drones".

No contexto do Afeganistão, que tem servido muito ao crescimento da especialidade, estamos perante uma tecnologia de morte elevada à dignidade de epistemologia, um edifício científico na base do qual só há morte e ruína. É difícil imaginar em tempos recentes outro tema em que o *know-how* tecnológico e a sabedoria se desconhecem tão completamente. JL